

UM MAIOR DO QUE GUDERIAN – TUKHACHEVSKY E O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS SOVIÉTICAS

ONE GREATER THAN GUDERIAN - TUKHACHEVSKY AND THE DEVELOPMENT OF THE SOVIET ARMED FORCES

Coronel Nuno Correia Neves

Chefe do Gabinete do Diretor

Investigador integrado do CISDI

Instituto de Estudos Superiores Militares

neves431@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma breve introdução à vida e obra do Marechal Soviético Tukhachevsky, procurando através de uma análise do desenvolvimento das Forças Armadas Soviéticas nos anos 30 e de operações da Segunda Guerra Mundial, bem como da história militar mais recente, avaliar a sua importância enquanto pensador e líder militar, assim como a sua contribuição para a evolução da guerra moderna.

Palavras-chave : Tukhachevsky; Batalha em profundidade; Mecanização; Aeromecanização; teoria Militar Soviética.

Abstract

This article presents a brief introduction to the life and work of Soviet Marshal Tukhachevsky, using an analysis of soviet military development in the 1930s and selected operations of World War II, as well as recent military history, to evaluate his work's influence, success and relevance, in order to properly judge his importance as a military theorist and leader and his contribution to the evolution of modern warfare.

Keywords: *Tukhachevsky; Deep Battle; Mechanization; Airmechanization; Soviet Military Theory*

Como citar este artigo: Neves, N. 2015. Um maior do que Guderian – Tukhachevsky e o desenvolvimento das Forças Armadas Soviéticas. *Revista de Ciências Militares*, maio de 2015 III (1), pp. 127-157.
Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>

Introdução

Os militares são frequentemente acusados de se prepararem para a guerra anterior. Este clichê nunca esteve tão longe da verdade como nos anos 20 e 30, quando em todo o mundo Oficiais inteligentes exploraram as possibilidades das novas tecnologias em busca da melhor forma de combater a guerra seguinte.

Motivava-os a experiência da Grande Guerra, cujas extensas listas de baixas e dramáticas consequências políticas tinham demonstrado os terríveis riscos para aqueles que não estivessem preparados, e também um amor à tecnologia, alimentado pelos extraordinários progressos realizados durante a Primeira Guerra Mundial.

Depois do final da Segunda Guerra Mundial, foi estabelecida uma narrativa na comunidade da história militar que preconizava que a guerra moderna, empregando o uso coordenado de carros de combate e aviões em esquemas táticos inovadores que permitiam evitar a morosidade da guerra de trincheiras, tinha sido uma invenção alemã, principalmente creditada ao General Heinz Guderian, inspirada pelos trabalhos de visionários Britânicos como o Major-General Fuller e Basil Liddell Hart.

Esta narrativa foi inicialmente criada pelo próprio Liddell Hart, que chegou a um acordo informal com os generais alemães depois da guerra para os apresentar numa perspectiva favorável¹ em troca de ser citado como uma referência inspiradora do seu pensamento militar nas suas memórias (Danchev 1999). Este processo foi ampliado pela dependência por parte do Exército dos Estados Unidos no grupo de trabalho liderado pelo antigo chefe de estado-maior do OKH², o General Franz Halder, para fornecer contexto histórico aos estudos sobre a ameaça soviética do tempo da guerra fria (Aubin 2012).

Foi apenas a partir dos anos 90, quando o acesso às fontes Russas se tornou mais fácil, e a história militar soviética melhor compreendida, graças ao trabalho inovador de alguns notáveis historiadores militares (entre os quais tem que ser destacado o Coronel do Exército dos Estados Unidos David Glantz) que uma perspectiva alternativa começou a ganhar adeptos no Ocidente. Esta corrente considerava os desenvolvimentos Soviéticos dos anos 20 e 30 no campo da modernização das ciências militares como sendo superiores aos seus contemporâneos alemães.

Assim, tal como Heinz Guderian se tornou no exemplo popular do “génio militar alemão” e Blitzkrieg um abrangente sinónimo para guerra mecanizada, o Marechal da União Soviética Mikhail Nikolayevich Tukhachevsky tornou-se no herói da recentemente compreendida revolução em assuntos militares soviética dos anos 30, e batalha em profundidade a palavra-chave para a competência militar soviética. A glorificação de Tukhachevsky desliza facilmente para o campo dos mitos devido às circunstâncias da sua morte, com todos os esforços da liderança Estalinista para suprimir a sua obra. Muitas vezes apresentado como uma das grandes possibilidades não concretizadas da história militar, é considerado por muitos como

¹ Designadamente como sendo puros “técnicos” afastados da política e desconhecedores dos crimes cometidos pelo III Reich.

² O OKH (Oberkommando des Heeres) era o Estado-Maior do Exército.

o homem que poderia ter esmagado Hitler e evitado as derrotas soviéticas da primeira fase da “Grande Guerra Patriótica”, ao mesmo tempo que em consequência das purgas Estalinistas não dispomos para o avaliar das ferramentas habituais de extensos arquivos e da experiência da batalha.

Como os mitos são mais valiosos quando testados, este artigo irá tentar avaliar o significado do trabalho do Marechal Tukhachevsky para a evolução do poderio militar soviético, e aferir os seus méritos. Para o conseguir, e depois de termos formulado a questão principal de forma algo dramática, e com uma vénia a Liddell Hart, no próprio título, iremos tentar avaliar a sua influência, sucesso e relevância.

Para determinar a sua influência iremos considerar os programas de armamento da União Soviética dos anos 30, procurando demonstrar se estes estavam de acordo com as teorias por ele desenvolvidas, procurando assim estabelecer se era apenas um intelectual a trabalhar num núcleo académico ou se era um real impulsionador da modernização das Forças Armadas Soviéticas.

Para avaliar o seu sucesso, iremos verificar se as suas previsões sobre a evolução da guerra se concretizaram, e procurar identificar o seu DNA teórico nas operações militares do Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial.

Para medir a sua relevância vamos procurar a sua influência no pensamento militar moderno, quer de forma direta, quer, e criticamente, já que estamos a falar de um autor cujas obras foram literalmente queimadas, de forma indireta.

Desta análise iremos tentar extrair uma conclusão sobre se o homem que foi abatido pelo NKVD³ numa prisão de Moscovo em junho de 1937 (Simpkin,1987) era, de facto, “Um maior do que Guderian”.



Figura 1: Um selo soviético de 1963 celebrando o Marechal Tukhachevsky, ou mais especificamente a sua, então recente, reabilitação.

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Tukhachevsky#mediaviewer/File:USSR_stamp_M._Tukhachevsky_1963_4k.jpg

³ Polícia Política Soviética, antecessora da KGB.

EM VEZ DE UM PREFÁCIO

Nos anos terríveis do terror de Yezhov, passei dezassete meses nas filas das prisões de Leninegrado.

Uma vez, alguém me “reconheceu”. Então uma mulher com lábios azulados que estava atrás de mim, e que, claro, nunca me tinha associado ao meu nome antes, acordou do estupor a que todos tínhamos sucumbido e murmurou-me ao ouvido (toda a gente murmurava ali):

“Conseguirá descrever isto?”

E eu respondi: “Sim, consigo”

E então algo que parecia um sorriso percorreu o que em tempos tinha sido o seu rosto.

Anna Akhmatova

(“Em vez de um prefácio” foi escrito como uma introdução ao conjunto de poemas “Requiem” que Akhmatova escreveu em segredo entre 1935 e 1940 sobre o terror estalinista.)⁴

Herói da União Soviética

Mikhail Nikolayevich Tukhachevsky nasceu em fevereiro de 1893 nos arredores de Vyshegor na atual Bielorrússia, o quarto filho de uma família empobrecida da pequena aristocracia (Simpkin 1987). Revelando-se um adolescente sobredotado que construía, e tocava, os seus próprios violinos e manifestava um interesse pela ciência, quando a família se mudou para Moscovo teve notas excecionais no liceu, mas a situação económica familiar não lhe permitia o acesso à universidade. Optou então pela via clássica dos nobres sem recursos de uma carreira militar, no seu caso iniciada no 1º Corpo de Cadetes de Moscovo, a partir do qual, aos 19 anos, conseguiu acesso à Academia Militar Alexandrovskii. Concluindo o curso com notas elevadíssimas mesmo a tempo para a Primeira Guerra Mundial em Junho de 1914, foi colocado no prestigiado Regimento Semenovskii da Guarda. A sua carreira no Exército Imperial foi breve, tendo sido feito prisioneiro de guerra pelos alemães, alegadamente depois de uma explosão o ter deixado inconsciente enquanto liderava um contra-ataque (Simpkin 1987). Depois de uma experiência movimentada como prisioneiro de guerra, que incluiu tentativas de fuga, a transferência para um campo para prisioneiros “difíceis” e um alegado encontro com o igualmente prisioneiro de guerra Charles de Gaulle, etc, foi libertado em Outubro de 1917. Tendo regressado ao Exército, abandonou o serviço durante a turbulência revolucionária, regressando eventualmente a Moscovo no início de 1918 para se alistar no Exército Vermelho. Associando-se desde o início a Trotsky, foi rapidamente promovido a

⁴ Tradução do autor a partir da versão inglesa.

Comissário Militar da Área de Defesa de Moscovo (Simpkin 1987), um cargo onde ganhou a confiança de Lenine. Tornou-se a partir daí no homem de confiança de Trotsky para a resolução de situações difíceis, sendo enviado para resolver uma crise atrás de outra, revelando-se a sua ação decisiva para garantir vitórias nas Frentes Norte e Sul. Em 1920, com apenas 27 anos, era já duas vezes titular da Ordem da Bandeira Vermelha e Comandante em Chefe da Frente Sul (brevemente) e posteriormente da Frente do Cáucaso. Era também um jovem viúvo, depois de a sua mulher se ter suicidado (Simpkin 1987).

Foi um dos principais comandantes soviéticos na campanha de Varsóvia de 1920, na qual ele e Estaline se encontravam em alas diferentes do avanço do Exército Vermelho, e consequentemente viriam a estar em campos opostos na atribuição de responsabilidades pela derrota. Com a sua reputação não afetada pela vitória Polaca, Tukhachevsky liderou a repressão das rebeliões de Kronstadt e Tambov antes de se tornar diretor de estudos de estratégia na Academia e ao mesmo tempo Vice-Chefe de Estado-Maior sob as ordens do seu amigo Mikhail Frunze, o qual apoiou no debate sobre se a URSS deveria ter um exército convencional, como Frunze defendia, ou um Exército revolucionário, como Trotsky recomendava, tendo Lenine optado pela posição de Frunze.



Figura 2: Uma imagem idealizada do jovem Tukhachevsky no seu papel de “resolvedor de crises” de Trotsky durante a guerra civil.

Fonte: <http://topwar.ru/24300-chestolyubivyy-marshal-sovetskogo-soyuza.html>

Desde esse momento até à sua morte foi a mais representativa voz intelectual do Exército Vermelho e ocupou vários postos de elevada responsabilidade, apesar de, depois das mortes de Lenine em 1924 e de Frunze em 1925⁵ ter que operar debaixo da sombra de Estaline, que apoiava a facção mais conservadora das Forças Armadas Soviéticas, tipificada pelos seus amigos Voroshilov, Budenny e Timoshenko. Esta situação levou alguns autores a afirmar que a influência de Tukhachevsky atingiu o seu pico nos anos 20 e era limitada desde esse período (Simpkin 1987) uma pressuposição que iremos analisar neste artigo.

Promovido a Chefe de Estado-Maior após a morte de Frunze em 1925, ocupou esse posto até 1928. Nesse ano foi nomeado Comandante do Distrito Militar de Leninegrado até ser chamado de volta a Moscovo para chefiar o Departamento de Tecnologia e Armamento do Exército em 1931, sendo em 1935 um dos cinco Oficiais promovidos ao recém-criado posto de Marechal da União Soviética. Foi exonerado do cargo em 1936, mantendo-se como Comissário Adjunto da Defesa, função em que estava essencialmente ocupado com a revisão do regulamento de campanha, até ser nomeado comandante do Distrito Militar do Volga em maio de 1937 (Naveh 2001).

Nesse ano viria a ser a mais destacada das vítimas militares das purgas das Forças Armadas que se tinham iniciado com os julgamentos de Zinoviev e Kamenev (Naveh, 2001)⁶. Tem sido referido que poderá ter sido vítima de uma ação de desinformação dos serviços secretos alemães, que teriam passado aos Soviéticos falsas provas de que estaria a conspirar com a Alemanha (Simpkin 1987), e igualmente que estaria a preparar um golpe militar contra Estaline. A extensão das purgas efetuadas contra militares torna estas explicações redundantes, embora interessantes. Depois de ter sido preso em 26 de maio foi abatido em junho de 1937, tornado numa não-pessoa e a sua obra escrita extensivamente destruída.

A sua é uma história muito russa. Nascido na aristocracia, tornou-se um comunista convicto e um herói soviético, ajudou a salvar uma revolução política durante a guerra civil e liderou uma inédita revolução nos assuntos militares antes de ser assassinado pelo próprio Estado a cuja defesa tinha dedicado todas as suas consideráveis capacidades.

Leninismo Militar, Tukhachevsky e o desenvolvimento do pensamento militar soviético

Uma questão central no pensamento militar ocidental é a utilização da manobra para derrotar o adversário com um mínimo de perdas para as nossas forças, idealmente permitindo a um Exército mais pequeno derrotar um adversário mais numeroso através da obtenção de uma vantagem posicional. Desde que Epaminondas inteligentemente derrotou um Exército espartano que lhe era superior em número na batalha de Leutra que o movimento audaz que garante a vitória se tornou num ideal militar.

⁵ Alegadamente orquestrada por Estaline (Simpkin, 1987).

⁶ Mais corretamente as purgas em larga escala. Na sua pesquisa sobre a história do Estado-Maior Soviético o historiador Boris Orlov sustenta que Estaline começou a purgar as Forças Armadas no início da década de 30, e que o ano de 1937 marca a intensificação, e não o início, das purgas (Naveh, 2001).

A expressão clássica deste ideal é a napoleónica “*manoeuvre sur les derrières*” que estava profundamente enraizada nas mentes das gerações de Oficiais dos longos anos de relativa paz europeia entre as Guerras “Mundiais” de 1789/1815 e 1914/1918. Esta percepção viria a ser combinada, no caso do Exército Alemão a um grau quase obsessivo, com a busca da batalha decisiva, como demonstrada nas vitórias de Moltke (o velho) em 1866 e 1870, e popularizada pelo extremamente influente livro de Schlieffen sobre a batalha de Canas (Widemann 2012).

Antes da Primeira Guerra Mundial todos os Estados-Maiores dos principais beligerantes tinham procurado desenvolver planos baseados na manobra para evitar os então já óbvios riscos dos ataques frontais face ao poder de fogo dos Exércitos modernos. O plano Schlieffen, e numa escala ainda maior o Plano XVII, viriam a tornar-se em muito dispendiosos sacrifícios no altar da manobra.

As realidades da Grande Guerra viriam a impor o uso de menos elegantes, mas mais eficazes, conceitos operacionais baseados na atrição. Os desenvolvimentos tecnológicos durante a guerra forneceram às mentes militares, não obstante, caminhos alternativos para restaurar o primado da manobra. Na sua essência, os conceitos de utilização de forças mecanizadas para operações de ritmo elevado contra adversários menos evoluídos popularizados por autores como Fuller e Liddell Hart, e tornados realidade por Guderian e os seus camaradas, eram um regresso aos conceitos napoleónicos clássicos, através do recurso a novos instrumentos. Por forma a evitar combater a guerra anterior, os idealizadores alemães dos conceitos na base da Blitzkrieg visavam visitar uma guerra ainda mais antiga, as breves e decisivas campanhas do velho Moltke, com as suas manobras ousadas e batalhas decisivas. O Plano Amarelo, que conduziu à vitória sobre a França em 1940 e fez o Exército alemão sentir-se de volta às glórias de 1870, é uma pura expressão de pensamento napoleónico em toda a sua decisiva agressividade. Mas se a história nos pode ensinar muitas lições, há uma que frequentemente ilude os teóricos militares e que é um elemento central do pensamento marxista. As coisas mudam!

E enquanto Fuller e os seus seguidores estavam ocupados a reinventar a guerra napoleónica, no recém-formado Estado socialista e autoproclamado “paraíso do proletariado” um grupo de veteranos da guerra civil estavam a preparar-se para mudar as coisas.

Se a história militar está no centro da teoria militar ocidental, o Marxismo-Leninismo está no centro de toda a teoria militar soviética. Lenine foi extremamente influente em todos os aspetos do pensamento soviético, a área militar não foi uma exceção (Simpkin 1987).

Dois princípios básicos iriam enquadrar toda a teoria militar soviética. Um era que a URSS iria seguramente ser atacada pelos Estados imperialistas⁷, e que nesse conflito o objetivo da União Soviética seria transformar uma guerra imperialista numa guerra civil nesses países, permitindo a ascensão nesses Estados de governos proletários que se aliarão à URSS (Lenine 1977). O outro era de que o resultado dessa guerra seria determinado por fatores político económicos, essencialmente pelas capacidades de produção e de mobilização dos Estados.

⁷ O que explica porque é que os soviéticos consideraram necessário construir um extenso Sistema de fortificações defensivas nas fronteiras, apesar de a sua doutrina privilegiar as operações ofensivas. Estas linhas eram assumidas como um escudo defensivo contra um ataque inimigo a coberto do qual seria realizada a concentração das principais forças de manobra. (Simpkin 1987).

Tendo incorporado Clausewitz por intermédio de Engels, ele próprio um destacado estudioso das questões militares⁸, Lenine estava perfeitamente consciente quer da importância do conceito de “guerra total” quer da necessidade de destruir a vontade do inimigo de continuar a luta. Estava igualmente convicto de que um Estado socialista teria uma vontade mais forte, pois poderia contar com o enquadramento pelo partido para garantir a adesão popular à causa, assim como uma maior capacidade de produção graças à maior capacidade de mobilização de uma economia centralizada. Ambos os princípios acima enunciados viriam a pesar fortemente no trabalho de Frunze e Tukhachevsky.

Dentro deste enquadramento, os soviéticos rejeitaram naturalmente quer a compulsão para restaurar a manobra no sentido neo-napoleónico prevacente no Ocidente quer a ideia de que as futuras guerras poderiam ser ganhas por pequenos exércitos mecanizados opostos a grandes exércitos tradicionais. As bases para esta dupla rejeição são perfeitamente expostas na crítica de Tukhachevsky ao trabalho de Fuller, no prefácio que escreveu em 1931 para a edição (abreviada) em russo do livro *“Reformation of War”* do General Britânico. (Tukhachevsky or 1931).

Neste texto o Marechal Soviético assume que, como nenhuma nação terá o monopólio do progresso, a mecanização irá difundir-se e que, tal como a mecanização da indústria tinha levado a uma expansão do proletariado, a mecanização da guerra levaria a uma expansão, não a uma redução, do volume dos exércitos, quando as nações empenhassem a sua “massa tecnológica” no campo de batalha. Assim, num combate entre Estados industrializados de diferentes dimensões, um Estado mais pequeno com um exército de 18 Divisões com 5.000 carros de combate teria muito mais probabilidades de ter que enfrentar um adversário mais poderoso com 180 Divisões e 50.000 carros de combate do que um com as mesmas 180 divisões e sem carros de combate, sendo naturalmente o mais pequeno esmagado nessa luta mesmo que, num esforço de combater a quantidade com a qualidade, viesse a formar unidades ou exércitos completos de tropas de elite⁹. No mínimo os requisitos de manutenção criados pela mecanização forçariam a um aumento do volume dos exércitos. Seria assim mais lógico estudar a possibilidade de confrontos entre dois exércitos mecanizados de grande dimensão do que conjecturar cenários de conflitos assimétricos entre forças mecanizadas e não mecanizadas. Tukhachevsky critica ainda Fuller por não considerar a expansão da mecanização para aquilo a que o autor soviético chama Aeromecanização.

A primeira doutrina operacional soviética, geralmente designada como “frente larga” (Simpkin 1987) ou “operações sucessivas” (Glantz 1991) foi introduzida num conjunto de artigos publicados por Tukhachevsky nos anos 20 e formulado no manual “Altos Comandos – Guia oficial para os comandantes e comandos operacionais do Exército e da Frota” coordenado por Frunze. Este modelo, cujo aspeto mais notado é a introdução do conceito do nível operacional da guerra seria a base a partir da qual seria mais tarde desenvolvido

⁸ Engels escreveu bastante sobre temas militares e foi correspondente de assuntos militares do Manchester Guardian nos anos 1860s. É interessante verificar que ele criticou a manobra, de carácter muito napoleónico, de “concentração avançada” adotada por Moltke e que conduziu à vitória prussiana na decisiva batalha de Königgrätz por a considerar demasiado arriscada (Holmes 1976).

⁹ Os dados do exemplo do texto original são aqui citados com algum detalhe pelo seu carácter premonitório face às realidades da Segunda Guerra Mundial.



Figura 3: Um cartaz representando Lenine a dominar o esforço militar soviético, uma imagem que corresponde a uma realidade doutrinária.

Fonte: <http://images.linnlive.com/1e037c81da387d8e4d1c2557d0a46f2b/b7d5376d-d9e9-4aaf-ad40-45f69e100453.jpg>

o conceito das operações em profundidade. Já em 1926 Tukhachevsky escrevia que “As operações modernas envolvem a concentração de forças necessária para infligir um golpe, e o desferir de golpes contínuos e ininterruptos por essas forças contra o inimigo através de uma área de extrema profundidade” (Glantz, 1991).

O objetivo era, em termos claramente Leninistas, infligir um nível de atrição que conduzisse a uma rotura da ordem política (imperialista) do inimigo. Os soviéticos não estavam a tentar resolver o clássico dilema da manobra vs a atrição, mas, na tradição dialética marxista, a procurar uma síntese de atrição através da manobra.

Não é, assim, surpreendente que o primeiro modelo operacional soviético pareça ter sido inspirado pelas ofensivas aliadas de 1918 na frente ocidental, que romperam o poder de combate do Exército Alemão e levaram o Império Alemão ao limiar de uma guerra civil e ao colapso do governo imperial. Esta proximidade entre os conceitos implementados por Frunze e as ações das forças aliadas na fase final da Grande Guerra não é referida por Glantz nem por Simpkin, e poderá indicar, na nossa opinião, que o comando supremo aliado de 1918 estava de facto, a atuar no nível operacional, mantendo assim um nível de controlo sobre a conduta da guerra que os alemães, desprovidos de instrumentos teóricos específicos para esse patamar, não conseguiam acompanhar. De facto, foi precisamente ao estabelecer procedimentos para a conduta de operações sucessivas que os soviéticos sentiram a necessidade de definir o nível operacional e introduziram o conceito da arte operacional, formulado pela primeira vez por A. A. Svechin em 1926 no seu livro “Estratégia” escrito quando trabalhava na recém-criada Academia Frunze (Glantz, 1991).

Estes novos conceitos, expandidos no livro do amigo e colaborador próximo de Tukhachevsky, Triandafillov “O carácter das operações dos exércitos modernos” publicado em 1929 (Glantz, 1991) foram tornados doutrina oficial com a publicação do regulamento de campanha de 1929, que introduziu igualmente o ênfase na mecanização que assinalava mais um passo na aproximação ao conceito de operações em profundidade. Mas antes de começarmos a apresentar esse conceito, é importante, para providenciar contexto, descrever sinteticamente as concepções de Tukhachevsky da guerra, como ele as expressou no seu artigo de 1928 para a Grande Enciclopédia Soviética “A Guerra como um problema de luta armada” e no seu extenso artigo de 1931 “Novas questões da guerra”.

As máximas de Engels de que “Nada está tão dependente das condições económicas como o Exército e a Marinha” e de que “o pré-requisito para qualquer avanço na conduta da guerra terá que ser o desenvolvimento paralelo de novos meios de produção” são o ponto de partida para a visão de Tukhachevsky das guerras futuras, que serão travadas por exércitos de massas dotados de todos os recursos ao alcance das suas nações. Defende que a guerra não deve ser travada apenas com forças militares, mas com “pressão organizada e concertada em todas as frentes do conflito, económica, política e por aí além” (Tukhachevsky, 1928)¹⁰. Afirma igualmente que a maior massa dos exércitos modernos não irá reduzir o ritmo da guerra, mas antes que os progressos da tecnologia irão levar ao acelerar do ritmo das operações.

¹⁰ As operações híbridas são um termo novo, não um novo conceito.

Para caracterizar a forma como os exércitos deverão incorporar os avanços na tecnologia cria o termo Aeromecanização, que descreve como a incorporação dos desenvolvimentos na aviação, carros de combate, comunicações e guerra química num todo integrado.

Este exército integrado mecanizado irá combater uma batalha em profundidade utilizando forças aeromóveis mecanizadas em conjugação com grupos blindados de longo raio de ação, incluindo infantaria em viaturas blindadas de transporte de pessoal, apoiados por unidades de engenharia mecanizada e aviões de ataque para penetrar nas defesas inimigas e atacar os seus escalões recuados, enquanto infantaria apoiada por carros de combate ataca os seus primeiros escalões. Extrai daqui a convicção de que todos os carros de combate deverão estar armados com uma peça com capacidade anticarro, afirmando que “numa batalha mecanizada em grande escala o sucesso estará do lado que tiver mais carros de combate capazes de destruir outros carros” (Tukhachevsky, 1931).

Afirma que estes exércitos mecanizados terão uma “enorme” necessidade de apoio logístico, enfatizando a importância do transporte motorizado, já que, avisa, o poder aéreo tornará vulnerável o transporte ferroviário, e recomenda a utilização do reabastecimento aéreo para situações críticas. Releva igualmente a necessidade de treino extenso e realista e de exercícios em larga escala concebidos para estimular a iniciativa por parte de todos os comandantes, dizendo que “esperar por ordens na realidade significa não estar a fazer nada”(Tukhachevsky, 1931).

Para a guerra naval, advoga o recurso a submarinos, o emprego em massa de torpedeiros e a aposta em aviões, primariamente aviões torpedeiros de alta velocidade, mas também bombardeiros armados com bombas especialmente desenvolvidas para atacar navios couraçados, considerando que o Couraçado perdeu a sua importância.

É neste contexto intelectual que o passo seguinte da evolução doutrínaria soviética vai ser desenvolvido.

A batalha em profundidade, o legado doutrínario de Tukhachevsky

A batalha em profundidade¹¹ foi a expressão final do pensamento operacional de Tukhachevsky e foi plenamente incorporada no regulamento de campanha de 1936. O novo modelo levava o conceito de operações sucessivas ao nível mais elevado. A limitação do conceito anterior era de que, embora permitisse infligir golpes poderosos ao inimigo, estes eram limitados porque apenas era possível assegurar o empenhamento dos primeiros escalões das forças inimigas atacadas. Tal como se tinha verificado em 1918, a grande vantagem do defensor era que podia gerir o empenhamento das suas reservas, e garantir assim algum controlo da situação operacional e por essa forma minimizar as suas perdas.

Integrando o princípio militar russo clássico da “simultaneidade” (Simpkin, 1987) com o conceito das operações sucessivas, as operações em profundidade baseavam-se no conceito

¹¹ A teoria é conhecida pelos termos “deep battle” e “deep operations” na literatura de referência. Neste artigo iremos utilizar traduções diretas dos dois termos, que devem ser assumidas como sinónimos neste contexto.

geral de, para negar ao defensor a possibilidade de gerir as suas reservas, forçá-lo ao empenhamento simultâneo em toda a sua profundidade operacional.¹²

Para o conseguir os atacantes iriam organizar-se em dois escalões, um escalão de ataque e um escalão de desenvolvimento¹³. O primeiro, composto de forças inter-armas deveria empenhar o primeiro escalão inimigo e criar a brecha inicial, através da qual o segundo iria penetrar para atacar as áreas de retaguarda e o segundo escalão das forças inimigas. O objetivo não era criar uma clássica bolsa de forças inimigas cercadas, mas destruir a totalidade da força inimiga numa batalha em profundidade. A força principal do inimigo seria destruída pelo escalão de ataque, ao mesmo tempo que o escalão de desenvolvimento destruída as reservas e unidades em segundo escalão. A batalha no seu conjunto seria apoiada por ataques aéreos perfeitamente coordenados e sempre que possível por operações aeromóveis, as quais incluiriam a projeção por meios aéreos de unidades mecanizadas.

Numa situação defensiva os soviéticos criariam uma defesa em profundidade, invertendo o processo através de pontos fortes e de uma rede de defesas anticarro para destruir o inimigo no interior da posição defensiva.

Este conceito deveria ter sido expandido e mais sistematizado no revisto regulamento de campanha de 1939, que nunca chegou a ser publicado porque a maioria das pessoas que o estavam a redigir foram mortas nas purgas.

Para combater este tipo de batalha foi criada uma nova estrutura de forças mecanizadas. O grosso das forças de penetração seria em caso de conflito constituído pelos novos Corpos Mecanizados, criados em 1935, Grandes Unidades fortes em carros de combate com duas Brigadas Blindadas, cada uma das quais com quatro Grupos de carros BT e um Batalhão de Atiradores Motorizado, e uma Brigada de Infantaria, bem como um Grupo de Reconhecimento e um batalhão de Transmissões. No seu conjunto estes Corpos tinham um total de 348 Carros de Combate, 63 Tanquetes¹⁴ e 52 Carros Lança-Chamas apoiados por 20 peças de artilharia. (Glantz, 1991).

Tendo criado a sua primeira Brigada mecanizada em 1930, os soviéticos tinham, em 1936, quatro Corpos Mecanizados e seis Brigadas Mecanizadas Independentes, às quais temos que somar quinze Divisões de Cavalaria, as quais combinavam quatro Regimentos de Cavalaria com um Regimento de Carros de Combate e um Regimento de Artilharia, bem como seis Regimentos de carros de combate independentes e um total de oitenta e três batalhões ou companhias de carros de combate integrados em unidades de infantaria (Glantz 1991). Estas forças podiam contar com o apoio de uma força aérea tática capaz de lhes garantir superioridade aérea e uma extensa capacidade de apoio aéreo próximo, bem como o de uma força aérea estratégica com uma numerosa força de bombardeiros quadrimotores pesados. A componente aeromóvel contava com três Brigadas e três Regimentos de Paraquedistas

¹² Este conceito, apesar da sua originalidade enquanto teoria militar, é imediatamente compreensível a um jogador experimentado de xadrez, já que corresponde precisamente à forma como se teoriza o meio-jogo no xadrez.

¹³ Não devendo este ser confundido com uma reserva ou uma força de exploração no sentido ocidental.

¹⁴ Pequenos blindados de lagartas destinados ao reconhecimento. Este termo caiu em desuso após a Segunda Guerra Mundial.

que tinham já executado exercícios em grande escala, incluindo o lançamento de grandes unidades e a projeção de veículos blindados e logísticos.

Extremamente avançadas doutrinariamente, bem organizadas, treinadas e equipadas, as Forças Armadas Soviéticas de 1936 pareciam invencíveis. E então tudo correu terrivelmente mal.

O Exército que se derrotou a si próprio, purgas e desastres militares 1937- 42

Em 1936 o Pravda publicou um artigo com grande destaque denunciando os defensores da mecanização e apresentando o ponto de vista sempre defendido pelos velhos amigos de Estaline Voroshilov e Budenny, de que os cavalos seriam sempre superiores às máquinas (Naveh, 2001). Nesse mesmo ano, as purgas em larga escala naquilo a que a poetisa Anna Akhmatova chamou “os anos terríveis do terror de Yezhov” começaram a atingir os militares em força. O Exército perdeu 3 dos seus 5 Marechais, 13 de 15 Comandantes de Exército, 57 de 85 Comandantes de Corpo de Exército, 110 de 195 Comandantes de Divisão e 220 dos seus 406 Comandantes de Brigada. No universo da Defesa desapareceram todos os 11 Vice Comissários da Guerra, 75 dos 80 membros do Conselho Militar Supremo, incluindo todos os Comandantes de Distritos Militares. Por postos o Exército perdeu 90% dos seus Generais e 80% dos seus Coronéis (Glantz 1991). Foi o mais eficaz ataque de decapitação contra uma força militar na história, e destruiu completamente a prontidão para o combate do Exército Vermelho.

Embora os carros de combate continuassem a ser produzidos, graças aos engenheiros que os concebiam não terem sido das principais vítimas os Soviéticos mantiveram a sua liderança na conceção de blindados, as Grandes Unidades criadas para os utilizar foram dissolvidas¹⁵, a doutrina para o seu emprego foi banida, e quase todas as pessoas com experiência de as liderar foram mortas. Sem treino adequado nem uma liderança competente, as vantagens soviéticas na quantidade e a superioridade técnica dos carros de combate dos modelos T-34 e KV-1 introduzidos em 1940 seriam completamente desperdiçadas em 1941.

Os efeitos devastadores das purgas fizeram-se sentir em toda a sociedade soviética. A indústria aeronáutica foi particularmente prejudicada, com engenheiros de topo como o próprio Tupolev a serem presos e muitas das equipas de projeto a trabalharem em “centros de trabalho prisionais” dirigidos pela NKVD (Gunston, 2000), enquanto vários departamentos de conceção de aeronaves eram reorganizados por motivos políticos¹⁶(Gunston, 2000). Depois de ter liderado o mundo nos anos 30, a URSS iria pagar nos primeiros anos da guerra um preço elevadíssimo pelos anos perdidos. A geração de caças desenhada por Polikarpov para substituir o seu I-16, o I-180 e posteriormente o I-185¹⁷, nunca entraram em serviço e os pilotos

¹⁵ Depois da Batalha da França de 1940 foram iniciados planos para as reintroduzir em 1942 (Glantz, 1991).

¹⁶ Polikarpov já tinha passado por essa experiência em 1929/1930, e em 1940 descobriu que o seu grupo de projeto tinha sido entregue ao mais bem relacionado politicamente Mikoyan.

¹⁷ Um pequeno número de caças I-180 foi testado em combate, com excelentes resultados. Quando o I-185 foi testado foi considerado pelos pilotos de testes o melhor caça do mundo, enquanto o Yak-1 e Yak-7 em serviço eram inferiores ao Bf109F-4 em quase todos os aspetos (Gunston, 2000).

soviéticos tiveram que combater com máquinas inferiores às alemãs até 1943, permitindo aos melhor equipados e treinados pilotos alemães acumular impressionantes listas de vitórias.

O preço que os soviéticos pagaram pelas purgas foi gigantesco. Os desastres militares que sofreram face à operação Barbarossa foram seguidos por uma vitória extremamente custosa em Moscou, e as vantagens conseguidas no Inverno de 1941/42 à custa do imenso sacrifício dos soldados soviéticos foram desperdiçadas nas desastrosas ofensivas em Kharkov e na Crimeia na primeira metade de 1942 (Glantz, 1998), permitindo aos alemães retomar a iniciativa para a sua Ofensiva “Blau” de 1942.

As purgas foram provavelmente a mais dispendiosa destruição do potencial militar de um estado em tempo de paz de sempre, e ao decapitar o seu Exército Estaline condenou o povo soviético a um imenso sacrifício, com milhões de mortos num titânico esforço de quatro anos para derrotar a Alemanha nazi. Fora um golpe de que a URSS nunca recuperou completamente, e marcam um ponto de viragem no que tinha sido até aí uma ascensão constante do poder soviético desde a revolução até aos anos 30. O Marxismo-Leninismo foi uma das primeiras vítimas das purgas, sendo substituído pelo Estalinismo, e nunca ressuscitado com sucesso.

As máquinas de Tukhachevsky. O desenvolvimento da tecnologia militar soviética 1925-1937

1. Blindados¹⁸

O Exército Vermelho adotou os seus primeiros carros de combate utilizando blindados aliados fornecidos aos seus adversários na guerra civil contra os seus proprietários iniciais. O modelo que melhor se adequava às suas necessidades era o FT-17 francês e, em 1922, construíram 14 cópias locais em Sormovo. Com base nessa experiência evoluíram para uma versão modificada, o carro de combate ligeiro MS-1, mais tarde designado T-18, e produziram o seu primeiro carro médio, o T-24, em 1931. Para suplementar estes produtos locais, compraram alguns blindados estrangeiros, incluindo tanquetes Carden Lloyd e Carros ligeiros de seis toneladas da Vickers Armstrong, ambos britânicos, bem como o carro de combate rápido Christie T-3 nos Estados Unidos. Prestaram igualmente atenção ao carro de combate experimental de dezasseis toneladas da Vickers Mk III testado no Reino Unido. Foi com base nos ensinamentos extraídos destes modelos que os soviéticos produziram a sua geração de blindados dos anos 30, em todos os casos claramente superiores aos originais. Estes eram as tanquetes de reconhecimento T-37 e T-38, o carro ligeiro T-26 e o carro rápido BT-2/5/7 e os carros médios T-28.

Foram estes blindados desenvolvidos de acordo com as teorias de Tukhachevsky? Se foi esse o caso, tal deverá ser manifesto no seu armamento, capaz de destruir outros carros de combate, na diversificação para as várias missões que o conceito de aeromecanização lhes exigiria e na facilidade de produção para garantir o equipamento das grandes unidades mecanizadas.

¹⁸ As fontes principais para este segmento são Fleischer 1999 e Ness 2002.

Vamos então analisar as suas características.

O T-37 e o T-38 eram pequenos blindados de dois tripulantes que se destacavam por serem anfíbios. As versões de comando estavam equipadas com rádios. Bem adaptados à sua missão de reconhecimento, compararam-se favoravelmente com blindados de outros países, como o PzKfw 1 alemão e o CV-33 Italiano. Sendo leves, foram usados para as primeiras experiências de projeção aeromóvel, sendo transportados sob a fuselagem de bombardeiros TB-1 ou TB-3.



Figura 4: Um T-37 transportado sob um TB-3 para transporte aéreo. As ideias de Tukhachevsky para a mecanização das unidades aerotransportadas deram origem a extensas experiências.

Fonte: <http://www.combatreform.org/hitlerwantedtogoeastbutwewouldntlethim.htm>

O T-26 começou por ser produzido com duas torres individuais, como o original da Vickers, mas a versão definitiva M1933 tinha uma peça de 45mm de alta velocidade (760m/s) capaz de destruir carros de combate ou de disparar um projétil explosivo eficaz (2,15Kg). Estava portanto extremamente bem armado para a sua época e missão, seguindo a máxima de Tukhachevsky de que todos os carros de combate deveriam ser capazes de combate antitarro. Era também muito fácil de produzir em série. Entre 1933 e 1937 foram produzidos 4801, dos quais mais de metade equipados com rádios. Foram ainda fabricados mais 562 de versões armadas com lança-chamas e, criticamente porque correspondendo a outra preocupação de Tukhachevsky, 65 na variante de lançamento de pontes. O significado destes números é realçado se recordarmos que a segunda maior força blindada do mundo à época, a Francesa, produziu 975 R-35 e 640 H-35, da mesma categoria, mas apenas se incluirmos todos os carros produzidos até setembro de 1939, e que todos esses blindados franceses estavam armados com peças de baixa velocidade de 37mm sem qualquer valor antitarro, tinham torres monolugares que limitavam o seu potencial de combate e não dispunham de rádios. Para períodos comparáveis, os soviéticos produziram cinco vezes mais blindados ligeiros do que os franceses.

O T26 foi a base para peças (76,2mm) e obuses (122mm) auto propulsados, e foi o blindado mais utilizado pelos republicanos espanhóis na guerra civil, onde se revelou claramente superior aos blindados ligeiros alemães e italianos que enfrentou do lado nacionalista.



Figura 5: Um T26 modelo 1933 com camuflagem de inverno.

Fonte: <http://ww2photo.se/tanks/su/ligh/t26/08634.jpg>

O BT-5 de 1933 e o mais evoluído BT-7 que o substitui em 1935 estavam otimizados para a tipologia de carro de combate rápido exigida para equipar os Corpos mecanizados e as Divisões de cavalaria. Armado com a mesma peça de 45mm utilizada no T-26, o BT-7 tinha um motor de 450 cavalos a gasolina (as últimas versões adotaram um motor diesel) que lhe permitia uma velocidade de 53Km/h. Era possível remover as lagartas e usar o carro sobre as rodas para deslocamentos em estrada, o que lhe permitia atingir 70km/h e ter uma autonomia de 500km. Metade deles estava equipada com rádios e foram também produzidos em grandes quantidades. 4212 foram fabricados entre 1933 e 1937, incluindo 155 versões de “artilharia” BT-7A equipadas com uma peça de 76,2mm de baixa velocidade. Ao contrário das versões “close support”¹⁹ dos carros de combate britânicos, que eram atribuídas às companhias de comando e normalmente empregues para lançar cortinas de fumo, os BT-7A eram destinados a garantir o papel de artilharia de acompanhamento com fogos diretos.

Para colocar o BT-7 no contexto da sua época, vamos compará-lo com o primeiro “Cruiser Tank” Britânico, o A9, concebido para uma missão similar. O A9 tinha uma peça com menor potência de fogo, de 40mm, apenas 150 cavalos, uma blindagem menos espessa e foi introduzido mais tarde e em números muito menores, apenas 125 no total sendo produzidos nos três anos (1937 a 1939) em que esteve em produção.

¹⁹ Apoio próximo, designadas pela abreviatura CS depois da designação do modelo.

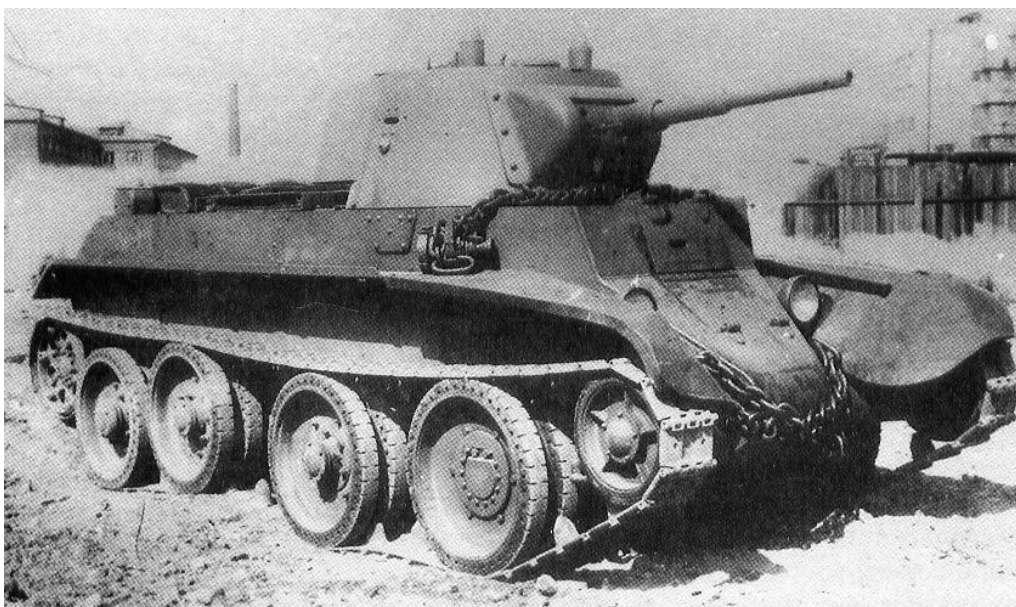


Figura 6: Um BT7 provavelmente o melhor carro de combate do mundo quando foi introduzido em serviço em 1935.

Fonte: Fleischer, W 1999 pg 50



Figura 7: Um carro de combate médio T-28.

Fonte: http://www.militaryfactory.com/imageviewer/ar/pic-detail.asp?armor_id=345&sCurrentPic=pic1



Figura 8: Um dos primeiros protótipos de carro pesado T-35 num desfile em Leninegrado em 1933. Os “proletaires” mencionados no cartaz devem ter ficado adequadamente impressionados.

Fonte: <http://englishrussia.com/2012/12/26/t-35-the-multi-turret-tank-of-the-red-army/>



Figura 9: Uma peça auto propulsada Su-14-2 de 152mm. Os soviéticos experimentaram intensamente com artilharia autopropulsada nos anos 30, incluindo calibres pesados da artilharia de Corpo de Exército.

Fonte: <http://mtg.domek.org/rosja/su14.htm>



Figura 10: A família de veículos T-26. De cima para baixo, da esquerda para a direita, Peça AA, Lança Pontes, Peça AP, Obús AP, Viatura Posto de Comando e peça de assalto. Os soviéticos introduziram nos anos 30 o conceito de “equipa de combate” que foi adotado pelos Estados Unidos nos anos 40. Este conceito avançado foi abandonado após a morte de Tukhachevsky e as gerações seguintes de blindados, como o T-34 de 1940, não foram concebidas de acordo com este princípio, sendo introduzidas variantes para missões específicas apenas mais tarde em 1943.

Fonte: http://www.armchairgeneral.com/rkkaww2/galleries/T-26_5.htm

O requerimento para um carro de combate médio foi preenchido pelo mais pesado T-28, um blindado de vinte e cinco toneladas e com um motor de 500 cavalos, inicialmente armado com uma peça de 76,2mm de baixa velocidade, e quatro metralhadoras, duas das quais em pequenas torres secundárias. A peça foi substituída no melhorado T28M por uma de tubo mais longo e melhor capacidade anticarro e os modelos antigos foram rearmados num programa de modernização. Aparte o uso de torretas secundárias para as metralhadoras, que foi mantido nos carros rápidos britânicos até ao primeiro Crusader de 1941, o T-28 pode ser comparado muito favoravelmente com os seus contemporâneos. Em linha com os princípios soviéticos de mecanização em larga escala foi produzido em quantidades elevadas para os padrões internacionais da época, com 263 produzidos entre 1933 e 1937. Foram fabricadas versões para lançamento de pontes, testadas versões equipadas com dispositivos de remoção de minas antes da guerra.

Uma particularidade soviética foi o desenvolvimento de carros de combate pesados de grandes dimensões, sendo o T-35 de quarenta e cinco toneladas introduzido em serviço em 1935. Uma monstruosidade com cinco torres que, se tivesse um casco apropriado, podia passar por uma canhoneira fluvial aceitável, o seu maior mérito foi dar à indústria soviética experiência com carros pesados que foi muito útil no desenvolvimento posterior do KV-1. Forneceu igualmente um chassis adequado a experiências com artilharia auto propulsada pesada.

2. Navios

Os conceitos navais apresentados nos trabalhos de Tukhachevsky são próximos das concepções da Jeune École francesa, numa perspetiva modernizada. No que toca às questões navais, é importante reter que Tukhachevsky esperava que a Marinha viesse a ter um papel secundário numa futura guerra entre a URSS e as potências “burguesas” e que a sua intenção era concentrar o investimento no Exército e na Força Aérea (Rowher 2001). Nos seus trabalhos sobre a Primeira Guerra Mundial Tukhachevsky defendeu a tese de que tanto o Império Russo como o Alemão despenderam demasiados recursos nas respetivas Marinhas antes de 1914, uma teoria que se ajustava bem à afirmação de Frunze de que a URSS deveria ter uma Marinha com características defensivas e não ofensivas. A sua afirmação de que os couraçados estavam obsoletos face à ameaça aérea, em particular de aviões torpedeiros mas igualmente de ataques com bombas pesadas anti-blindagens parece óbvia agora, mas era radical nos anos 30. O facto é que os programas navais soviéticos seguiram as suas concepções, concentrando recursos em pequenas unidades torpedeiras, submarinos, e no desenvolvimento de aviões torpedeiros bimotores de longo raio de ação para equipar a aviação naval. O requerimento formulado em 1934 e que deu origem ao desenvolvimento do Tupolev ANT-41 é muito semelhante ao formulado em 1935 pela Marinha Imperial Japonesa que esteve na origem dos bombardeiros torpedeiros Mitsubishi G3M, que viriam a afundar o couraçado Britânico HMS Prince of Wales e o Cruzador de Batalha HMS Repulse em 1942. O avião da Tupolev acabou por não ser produzido, já que depois da queda do primeiro

protótipo (Gunston, 2000) se concluiu que o Bombardeiro da Força Aérea Ilyushin DB-3 podia ser convertido em torpedeiro, e os soviéticos como habitualmente proferiram a facilidade de produção de um modelo existente à introdução de um modelo novo e especializado.

Depois de consideráveis dificuldades iniciais resultantes da perda de conhecimento em construção naval decorrente da guerra civil, agravada pela tradicional dependência russa em estaleiros e fornecedores estrangeiros, a Marinha Soviética começou a construir novas unidades no final dos anos 20. O ênfase inicial foi claramente nos submarinos, usando o L.55 Britânico como modelo para a construção de seis unidades da série II, de 1000t e otimizados para o lançamento de minas. Seguiram-se os submarinos médios da classe Shchuka (pique) de 600t, dos quais vieram a ser construídas setenta e cinco unidades entre 1928 e 1936, em várias séries. Foram igualmente produzidos submarinos costeiros de pequenas dimensões, da classe M, de 200t, dos quais foram produzidos cinquenta nos anos 30. A Marinha Soviética construiu igualmente submarinos oceânicos, começando pela pouco conseguida classe Pravda de 1500t. Recorreram então à cooperação com a Alemanha para desenvolver os submarinos da série IX, também conhecidos como classe S. Quando Tukhachevsky foi morto tinham sido produzidos três e iniciada a construção de nove de uma melhorada série IXbis. Viriam a demonstrar ser os melhores submarinos soviéticos da guerra, sendo produzidos em larga escala, tal como grandes quantidades de versões melhoradas das classes M e Shchuka. (Miller 2002).

Para além dos submarinos foi dada prioridade à guerra de minas, sendo a maioria dos navios equipados para lançar minas e construídos 18 Draga Minas da classe Fugas (nas variantes Projecto 3 e Projecto 53) até 1937. Revelando-se excelentes unidades muitos mais foram construídos e usados para missões de patrulha e escolta para além da guerra de minas durante a Segunda Guerra Mundial (Preston 1989).

Foram fabricadas grandes quantidades de lanchas torpedeiras. Estas obedeciam a um conceito original de pequenas lanchas de alta velocidade de apenas 16t, com base em protótipos desenvolvidos pelo TsAGI, ou Instituto Aero e Hidrodinâmico Central entre 1932 e 1933 com base num conceito do grande engenheiro aeronáutico Tupolev. Construídas de duralumínio revelaram-se muito sensíveis à corrosão e adaptadas apenas a missões de curto raio de ação.²⁰

²⁰ Um dos protótipos atingiu uma velocidade de 63.5 nós (73.1 mph; 117.6 km/h) em testes no Mar Negro em 1933.

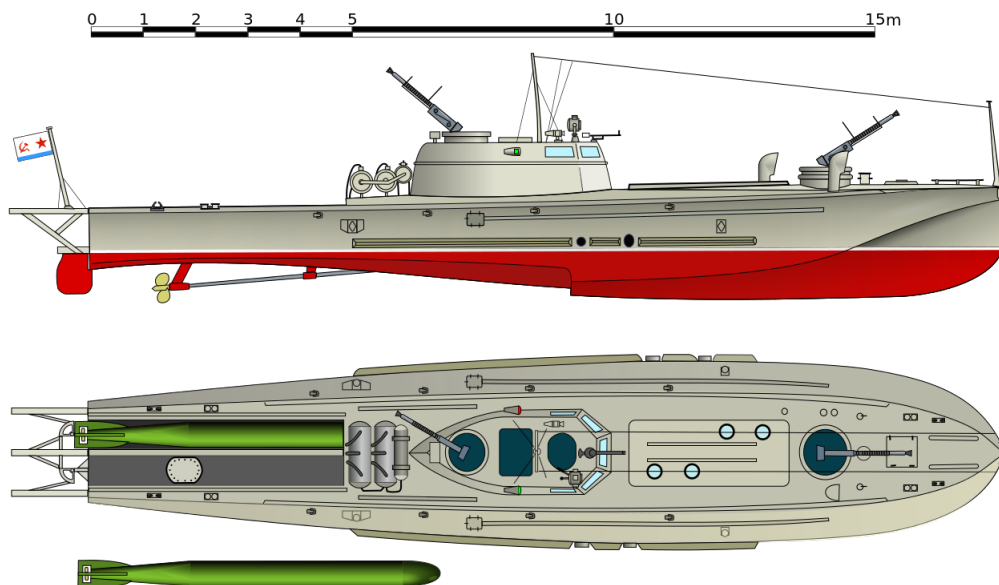


Figura 11: Um desenho à escala de uma lancha torpedeira de concepção Tupolev do tipo G-5.

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/G-5-class_motor_torpedo_boat#mediaviewer/File:Lancha_G-5.svg

Comparativamente poucas unidades de combate de superfície foram construídas neste período. Foram construídos seis contratorpedeiros de grande porte das classes muito similares Leningrad/Minsk completadas nos anos 30 e a Cooperação com a Itália conduziu aos contratorpedeiros do tipo Projecto 7, nenhum dos quais ficou operacional antes de 1938 (Whitley, 2002), bem como aos dois cruzadores das classes Kirov completados em 1939 e Máximo Gorky completados em 1940 (Whitley, 1999).

Quando da queda de Tukhachevsky a marinha Soviética era líder mundial em submarinos e em aviões torpedeiros de longo raio de ação, uma liderança que se perdeu depois da sua morte com a implementação de um ambicioso programa de grandes unidades de combate de superfície, aprovado por Estaline em 1936 e que incluiu os couraçados da classe Sovetskiy Soyuz e os Cruzadores de Batalha da classe Kronshtadt (Rohwer, 1997 e Rohwer, 2001).

Mais do que os números é a proporção de submarinos para unidades de superfície, bem como a aposta em aviões torpedeiros, que melhor demonstra a influência de Tukhachevsky nos programas navais, bem como a rapidez com se regressou a concepções clássicas baseadas em couraçados após a sua queda.

3. Aviões

A indústria aeronáutica soviética expandiu-se muito rapidamente no final dos anos 20 e 30. Começando com desenhos convencionais e cooperação internacional, os soviéticos puderam contar com, entre outros, dois projetistas excepcionais, Polikarpov e Tupolev.

Polikarpov desenhou alguns dos melhores caças do mundo, como o I-15, um robusto e ágil biplano que provou estar à altura do reputado FIAT CR.32 durante a Guerra Civil espanhola, e o consideravelmente mais moderno I-16, que foi o primeiro caça monoplano de trem retrátil a ser produzido em larga escala. Sendo um referencial quando foi introduzido em serviço em 1934 (Gordon, 2001), as versões mais avançadas do I-16 tornaram-se obsoletas com a introdução dos caças da geração do Bf109E e do Spitfire MkI a partir de 1939 (Gunston, 2000). Um progresso considerável em que o I-16 foi inovador foi a introdução a partir do I-16 Tipo 17 de dois canhões automáticos de 20mm, que lhe conferiam um excelente poder de fogo (Gunston, 2000).

Tupolev produziu bombardeiros de grandes dimensões, começando com o bimotor TB-1 e progredindo com o quadrimotor TB-3, e o seu SB foi o primeiro da nova geração de bombardeiros rápidos, demonstrando quando apareceu em combate em Espanha ser demasiado rápido para ser intercetado pelos caças então em serviço (Gunston, 2000). Um desenvolvimento interessante foi a introdução de uma forma inicial de “armas de precisão largadas à distância na forma das combinações Zveno. Um bombardeiro TB-3, de longo raio de ação mas lento e vulnerável, transportava dois bombardeiros em mergulho rápidos (I-16 modificados). A uma distância segura estes separavam-se do avião transportador e efetuavam um ataque de precisão a um alvo de elevado valor, usando depois a sua velocidade para evitar a interceção (Gunston, 2000).

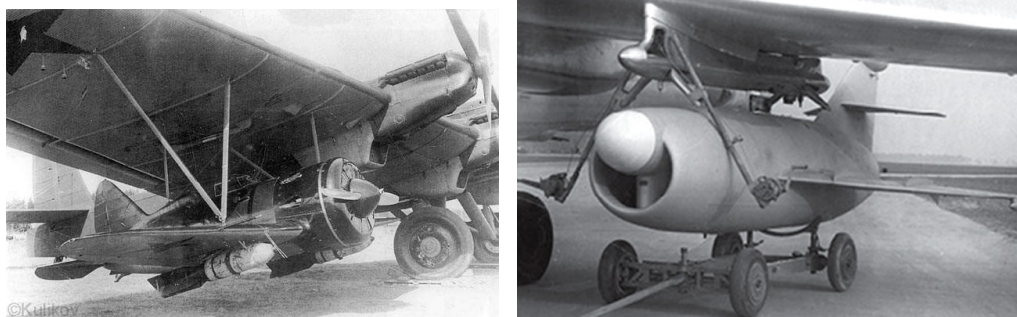


Figura 12: Um bombardeiro de mergulho “transportado” SPB (esquerda) e um míssil ar solo de primeira geração AS-1 (direita). A comparação realça o carácter de arma “standoff” das combinações Zveno, em mais um exemplo do vanguardismo conceptual soviético dos anos 30.

Fontes: <http://aerostories.free.fr/appareils/compopara/I16SPB.jpg>

<http://www.ausairpower.net/APA-Rus-Cruise-Missiles.html>

Mas se estes desenvolvimentos eram impressionantes, a maior parte deles eram paralelos ao que outros países estavam a fazer a um ritmo menos acelerado. A influência de Tukhachevsky nos programas de aviação militar é melhor demonstrada pela prática de converter um grande número de bombardeiros em aviões de transporte, o TB-1 tornando-se no G-1 e o TB-3 no G-2, ou pelo extenso trabalho efetuado na utilização militar de auto-giros, incluindo versões armadas de ataque ao solo que antecipam o futuro uso de helicópteros de ataque pelos soviéticos como parte do conceito de batalha em profundidade (Gunston, 2000).



Figura 13: Um auto-giro Kamov A-7, a primeira aeronave desse tipo concebida para o combate armado, e capaz de descolagens muito curtas e aterragens quase verticais. (Gunston 2000).

Fonte: <http://www.rcgroups.com/forums/showthread.php?t=2142620>

Um outro indicador é o desenvolvimento de aviões bimotores especializados para o apoio aéreo próximo com armamento anticarro. Estes foram abandonados a partir de 1938 em benefício do mais simples monomotor Il-2. Este estava armado com canhões de 23mm, mas durante a guerra uma variante, o Il-2M3 foi armada com dois canhões de alta velocidade de 37mm, como tinha sido especificado no requerimento que deu origem ao Polikarpov VIT (Gunston, 2000).



Figura 14: Um Polikarpov VIT-1 de Apoio Aéreo Próximo de 1937. Armado com dois canhões de alta velocidade de 37mm foi o primeiro avião “anticarro” credível, e estava claramente otimizado para o conceito de operações em profundidade, demonstrando a aplicação do conceito de aeromecanização.

Fonte: http://cyber.breton.pagesperso-orange.fr/urss/vit_1.jpg

O fantasma de Tukhachevsky: Bagration, Tempestade de Agosto e o triunfo da batalha em profundidade.

Para os olhos ocidentais, o momento decisivo de viragem da guerra na Rússia foi a vitória de Estalinegrado, a joia na coroa do autoproclamado invicto registo dos Marechal Zhukov (Zhukov, 2009). Como se tratou de uma batalha travada segundo os princípios clássicos ocidentais, com os alemães a serem cercados num duplo envolvimento do tipo “Canas moderna” que faria Schlieffen orgulhoso, a sua inegável relevância tende a obscurecer a realidade da campanha de inverno na Rússia em 1942/43 (Glantz 1997).

A grande ofensiva de inverno soviética de 1942 foi um plano vasto e complexo que previa quatro grandes operações, conhecidas coletivamente como os Planetas. As duas primeiras, a ocorrer em simultâneo, eram Urano, que consistia no envolvimento do Sexto Exército Alemão em Estalinegrado, ao mesmo tempo que Marte, um outro ataque clássico de duplo envolvimento, deveria cercar o Nono Exército Alemão no saliente de Rzhev. Com meios superiores aos de Urano, e comandada por Zhukov em pessoa, Marte deveria ser seguida por Júpiter, que completaria por outro duplo envolvimento mais profundo a destruição do Grupo de Exércitos Centro, enquanto Urano seria seguida por Saturno, um avanço em direção a Rostov que isolaria o Grupo de Exércitos A no Cáucaso (Lopez 2013).

Era um plano grandioso na escala, puramente Napoleónico no estilo, e que ficou longe de ser bem-sucedido. Urano resultou num sucesso maior do que o esperado em Estalinegrado, mas a resposta rápida e enérgica dos Alemães forçou uma redução de

Saturno para a apropriadamente designada “Pequeno Saturno”. Marte foi um fracasso total, e consequentemente Júpiter não foi sequer lançada. Em termos simplistas, uma vitória, uma derrota, um empate e uma não comparência. E embora pudessem não o admitir, os soviéticos estavam conscientes que o sucesso de Model tinha demonstrado as competências alemãs no combate defensivo, e não podiam deixar de considerar o que poderia ter sucedido se alguém com as mesmas capacidades estivesse a comandar o Sexto exército, em vez do muito menos competente Paulus. Pouco depois von Manstein viria a dar mais um sério aviso aos soviéticos com a sua vitória em Kharkov. Claramente, derrotar os alemães no seu próprio jogo não iria ser fácil. Estava na altura de regressar a Tukhachevsky.

1943 foi um ano de difícil aprendizagem para os soviéticos. Venceram as enormes batalhas travadas nesse ano, mas a um custo elevadíssimo, com as perdas Russas a serem consideravelmente superiores às alemãs. Foram evoluindo, e aproximando-se dos conceitos de batalha em profundidade, e em Junho de 1944 estavam finalmente a um nível que lhes permitia ditar as regras do jogo.

A operação Bagration foi o “dia negro” do Exército Alemão na Segunda Guerra mundial. Como os soviéticos ocupavam um saliente na Ucrânia, os alemães naturalmente pensaram que iriam lançar a partir daí um clássico ataque em “foice” através da sua retaguarda. Em vez disso, os soviéticos atacaram frontalmente o Grupo de Exércitos Centro na Bielorrússia, usando o modelo operacional da batalha em profundidade. Empenharam os defensores desde o primeiro dia em toda a sua profundidade operacional usando de forma extremamente bem coordenada uma combinação de ataques aéreos e operações minuciosamente planeadas e maciças de forças não convencionais integrando os “partisans”. Os alemães registaram 14.000 ações na área de retaguarda do Grupo de Exércitos Centro numa única noite em preparação da ofensiva, das quais 10.000 foram bem sucedidas (Simpkin, 1987). Os soviéticos atacaram as linhas alemãs com infantaria apoiada por carros de combate e por uma poderosíssima barragem de artilharia e desenvolveram imediatamente os seus Corpos Blindados para penetrarem profundamente nas defesas num exemplo perfeito do “escalão de desenvolvimento” (Zaloga, 1996). O grupo de Exércitos Centro foi esmagado em toda a sua profundidade operacional e nenhuma defesa elástica, do tipo mais tarde reivindicado por von Manstein como sendo a fórmula para vencer os soviéticos pode ser contemplada (Aubin 2012).

Bagration foi um choque devastador para o Exército Alemão. Dezassete Divisões foram completamente destruídas. Perderam 350.000 homens, dos quais 150.000 prisioneiros de guerra. Um Grupo de Exércitos inteiro tinha sido aniquilado, e o mais chocante era que as perdas soviéticas tinham sido metade das alemãs (Zaloga, 1996).

E respeitando o conceito das operações sucessivas, Bagration foi seguida por um conjunto de ofensivas que viriam a conduzir, numa perfeita demonstração dos princípios Leninistas de tornar “a guerra imperialista em guerra civil” (Lenine, 1977) em mudanças de regime nos aliados dos nazis que colocaram no poder regimes pró soviéticos. Até na Alemanha nazi um grupo de Oficiais tentou matar Hitler em 20 de Julho quando Bagration estava a concluir-se. A Alemanha não viria a entrar em guerra civil e combateria até ao final, mas é preciso

reconhecer que o nazismo não era propriamente o adversário capitalista-imperialista que Lenine mencionava nos seus textos.

Na primeira ofensiva de Inverno Soviética Hitler costumava esmurrar a carta de situação do OKW e gritar que “O Russo morreu”. Não estava a contar ter que enfrentar um fantasma.

E tendo demonstrado o que as operações em profundidade podiam conseguir contra um adversário de topo, os soviéticos iriam pouco depois provar o que estas conseguiam contra um adversário menos evoluído. Quando a URSS se juntou à guerra contra o Japão, competiu ao Marechal Vassilevsky, um dos poucos sobreviventes às purgas de entre os ex-alunos da Academia de Estado Maior, comandar uma ofensiva devastadora contra o Exército Japonês do “Kwantung” na Manchúria. Apesar de uma resistência determinada das forças do Exército Imperial Japonês, os Soviéticos derrotaram totalmente um adversário com 713.724 efetivos em apenas sete dias de combate, sofrendo apenas 32.000 baixas. A título de comparação, os Estados Unidos tiveram 49.000 baixas em Okinawa para derrotarem, em três meses, uma força de apenas 117.000 efetivos Japoneses (Glantz, 1983). Dada a natureza da área de operações, uma comparação mais apropriada pode ser feita com a campanha das Filipinas, na qual as forças Estado-Unidenses precisaram de dez meses, e sofreram 60.000 baixas, para derrotar uma força Japonesa com metade dos efetivos que os soviéticos tinham derrotado numa semana. A ofensiva soviética da Manchúria, com o nome de código Operação Tempestade de Agosto, foi uma demonstração impressionante do potencial da batalha em profundidade.

Depois de um período nos anos 50 e princípio dos anos 60 em que toda a doutrina foi condicionada pelo fator nuclear, o conceito das operações em profundidade foi retomado como a base da doutrina soviética no final dos anos 60, com as operações de 1944 e 1945 a serem estudadas como modelo, em particular Bragation e Tempestade de Agosto. Esta evolução levou por seu lado a NATO, nos seus estudos para compreender e contrariar o seu adversário, a reconhecer o nível operacional e a introduzir o seu próprio modelo de operação em profundidade com os estudos “follow on forces attack” e a doutrina Air-Land Battle (Glantz 1991).

Conclusões. Um maior do que Guderian?

Regressando às questões formuladas na introdução, é agora possível atingir conclusões.

Os programas de armamento implementados na URSS nos anos 30 seguem demasiado à risca os conceitos de Tukhachevsky para que a sua influência possa ser negada. Os soviéticos construíram carros de combate adaptados à sua doutrina de operações em profundidade, e produziram-nos em quantidades que correspondiam à sua visão para o Exército. O extenso trabalho em blindados de engenharia, como viaturas de lançamento de pontes, o desenvolvimento da artilharia auto-propulsada e em particular o desenvolvimento das forças aerotransportadas e o esforço em dotá-las de viaturas blindadas encaixam perfeitamente no modelo de aeromecanização que apresentou em 1931. O desenvolvimento de meios aéreos mostra também a sua influência, com conceitos avançados como aviões com capacidade

anticarro e o esforço de criação de uma força de bombardeiros estratégicos. É igualmente relevante que após a sua morte muitos programas foram revistos ou cancelados. Não foram desenvolvidas versões de lançamento de pontes ou de artilharia auto-propulsada do T-34 quando foi introduzido, por exemplo, e o bombardeiro pesado Petliakov Pe-8 que deveria ter substituído o venerável TB-3 apenas foi produzido em pequenas quantidades.

Depois da sua morte as Grandes Unidades mecanizadas e aerotransportadas foram dissolvidas, a Marinha reverteu para um programa de construção de uma frota convencional centrada em unidades pesadas de combate de superfície e o foco doutrinário perdeu-se. Muito mais do que um teórico isolado como o caracterizou Liddell Hart (Neveh 2001), ele foi o cérebro e a força motora que impulsionou a modernização das Forças Armadas Soviéticas nos anos 30.

O seu sucesso como pensador militar pode ser avaliado pela enorme proximidade das suas visões da guerra moderna às realidades da Segunda Guerra Mundial. A visão de Tukhachevsky de uma guerra iniciada por uma agressão alemã, que ele previa desde 1935 (Neveh 2001), a ser decidida por massivos exércitos mecanizados empregando armas combinadas e refletindo a total capacidade produtiva das respetivas nações foi confirmada à letra. A sua intuição de 1931 da importância de todos os carros de combate terem armamento anticarro e a previsão de que o transporte ferroviário seria vulnerável a ataques aéreos bem como a importância do reabastecimento aéreo, foram exaustivamente demonstradas durante a guerra.

As suas conceções sobre a guerra naval foram também validadas em todos os teatros de operações, desde a ameaça que os aviões torpedeiros de longo raio de ação representavam para os couraçados, passando pela importância dos submarinos e a intensidade do combate de pequenas unidades nas águas costeiras, até ao papel limitado da Marinha Soviética no conflito com a Alemanha.

O valor dos conceitos de batalha em profundidade foi amplamente demonstrado, não apenas porque permitiram aos soviéticos derrotar os alemães, algo que já tinham conseguido com modelos operacionais convencionais em 1941/43, mas porque permitiram derrotá-los com ratios de baixas favoráveis.

A sua relevância foi amplamente demonstrada quando, depois do período pós guerra dominado pelo facto nuclear, as teorias da batalha em profundidade foram recuperadas pelos soviéticos nos anos 60 e 70, aperfeiçoando o Escalão de desenvolvimento para criar o conceito de Grupo de Manobra Operacional, uma evolução que forçou a um repensar da doutrina NATO que culminou no conceito de Air-Land Battle, essencialmente uma tradução NATO de Aeromecanização (Simpkin 1987), mais uma vez demonstrando que a imitação é a mais discreta, mas mais sincera, forma de admiração.

Um aspeto que emergiu do estudo efetuado para este artigo relativamente à evolução da doutrina militar Soviética foi a necessidade de estudar mais detalhadamente a influência do estudo das operações aliadas na Frente Ocidental em 1918 nos conceitos soviéticos. A maioria dos autores, embora citando os trabalhos de Tukhachevsky sobre a Primeira Guerra Mundial, não tem explorado os nítidos paralelismos entre essas ofensivas Aliadas e a teoria das

operações sucessivas/frente larga. Trata-se de um tema que nos parece dever ser extensamente estudado, algo que não nos foi possível no contexto da elaboração do presente artigo.

O que nos deixa a questão central. Foi Tukhachevsky “Um maior do que Guderian”?

O leitor atento terá já notado que não há ponto de interrogação no final do título deste artigo. O modelo alemão tinha de facto uma vantagem sobre o soviético, que era a incorporação do conceito de Auftragstaktik, uma modalidade de comando atualmente aceite como superior. Mas dificilmente podemos imputar essa lacuna soviética a Tukhachevsky, que esteve muito perto de defender esse modelo nos seus trabalhos, tão perto quanto um Marxista-Leninista o poderia fazer, talvez perto de mais se consideramos o seu fim. Por outro lado os soviéticos dominavam o nível operacional da guerra, o que lhes dava vantagem sobre os seus adversários alemães.

Vamos então compara-los recorrendo ao último recurso dos historiadores militares. Uma analogia desportiva.

No ténis há *winners*, quando fazemos uma jogada tão boa que é imbatível, erros forçados, quando levamos o nosso adversário a cometer um erro, e erros não forçados, quando simplesmente o nosso adversário joga mal. Os bons jogadores cometem poucos erros e levam os seus adversários a cometer erros forçados. Os melhores jogadores triunfam concretizando *winners* de forma consistente.

O modelo soviético de batalha em profundidade concretizou *winners* contra um oponente que era considerado o melhor do mundo na época. O modelo alemão de Blitzkrieg deve o seu sucesso aos erros dos seus adversários, forçados nalguns casos, não forçados noutros.

Pegando nos conceitos de Frunze, Tukhachevsky liderou uma equipa inovadora de Oficiais altamente inteligentes, e criou um modelo extremamente avançado que ultrapassa Fuller em criatividade, Liddell Hart em ousadia e Guderian em meticulosidade. Quando comparamos o Exército Vermelho da Guerra Civil com as poderosas Forças Armadas Soviéticas, e quando consideramos a modernidade do seu regulamento de campanha de 1936, a extensão das realizações de Tukhachevsky torna-se clara e o seu lugar entre os candidatos ao título de maior pensador militar do século XX evidente. Ele foi, de facto, um maior do que Guderian.

Bibliografia

- Aubin, N., 2012. *Quand les vaincus écrivent l'Histoire*. Guerres et Histoire. Juin France Mondadori.
- Akhmatova, A., 2000. *The complete poems of Anna Akhmatova*. Translated by Judith Hemschemeyer. Cannongate Books Edinburgh
- Bauer, E., 1967. *Uma história Polémica da Segunda Guerra Mundial*. Publicações Europa América, Mem Martins Portugal.
- Danchev, A., 1999. *The alchemist of war. The life of Basil Liddell Hart*. London. Phoenix.

- Engels, F. 1850 to 1887. *Engels' Military Writings* <https://www.marxists.org/archive/marx/works/subject/war/>
- Glantz, D.M., 1991. *Soviet operational Art, in pursuit of deep battle*. Abingdon Frank Cass and Company Limited.
- Glantz, D. M., 1998. *Kharkov 1942, anatomy of a military disaster through soviet eyes*. Surrey, Ian Allan.
- Glantz, D. M., 2001. *Barbarossa. Hitler's invasion of Russia 1941*. Stroud Gloucestershire, Tempus.
- Glantz, D. M., 1997. *Counterpoint to Stalingrad, Operation Mars: Marshal Zhukov's greatest defeat* Foreign Military Studies Office, Fort Leavenworth, KS.
- Glantz, D.M., 1983. *August Storm, the soviet 1945 soviet Strategic Offensive in Manchuria*. Leavenworth Papers Nº 7 Fort Leavenworth Kansas USA.
- Gordon, Y. 2001. *Polikarpov's I-16 fighter*. Midland Publishing. Hinckley England.
- Holmes, R., 1976. *Epic Land Battles*. London. Octopus.
- Lenin, V. I., 1977. *Obras escolhidas Volumes I II e III*, Lisboa Edições Avante.
- Lopez, J. 2013. *Le plan grandiose des quatre planètes*. Guerres et Histoire. Février France Mondadori.
- Fleischer, W 1999. *Russian tanks and Armored Vehicles 1917-1945*, Schiffer, Surrey.
- Guderian, H., 1999. *Achtung Panzer*. London Cassell.
- Guderian, H., 1990. *Panzer leader*. London Arrow.
- Gunston, B., 2000. *The Osprey encyclopedia of Russian aircraft*. Oxford Osprey.
- Hart, B. H. L., 2002. *The German Generals talk*. New York. Harper Perennial.
- Haupt, W., 1997. *The Wehrmacht in Russia Army Group North*. PA. Argiem.
- Haupt, W., 1997. *The Wehrmacht in Russia Army Group Center*. PA. Argiem.
- Haupt, W., 1998. *The Wehrmacht in Russia Army Group South*. PA. Argiem.
- Manstein, E. von., 2006. *Victorias frustadas*. Barcelona. Inédita Editores.
- Mayer, S. C (Ed), 1977. *The Russian war machine 1917-1945*. London. Bison Books.
- Miller, D., 2002. *Submarines of the world*. Salamander St Paul MN USA.
- Naveh, I., 2001. *Mikhail Nikolayevich Tukhachevsky*. Included in *Stalin's Generals*. Edited by Shukman, H. London Phoenix.
- Ness, L., 2002. *Jane's world war II tanks and fighting vehicles*. London Harper Collins.
- Preston, A. 1989., *Jane's fighting ships of world war two*. London. Studio Editions.
- Tukhachevsky, M.N. (Or. 1931) *Preface to J.F.C. Fuller's reformation of war*. Translated by A. Taube and reproduced in Simpkin, R. 1987 *Deep Battle – The brainchild of Marshal Tukhachevsky*. London. Brassey's Defence Publishers.

- Tukhachevsky, M.N., (Or. 1931) *New questions of war*. Reproduced in Simpkin, R. 1987 *Deep Battle – The brainchild of Marshal Tukhachevsky*. London. Brassey's Defence Publishers.
- Tukhachevsky, M.N. (Or. 1928) . *War as a problem of Armed Struggle*. Reproduced in Simpkin, R. 1987 *Deep Battle – The brainchild of Marshal Tukhachevsky*. London. Brassey's Defence Publishers.
- Service, R., 2010. *Lenin. A biography*. London. Pan Books, McMillam.
- Service, R., 2010. *Stalin. A biography*. London. Pan Books, McMillam.
- Simpkin, R., 1987. *Deep Battle – The brainchild of Marshal Tukhachevsky*. London. Brassey's Defence Publishers.
- Rohwer, J., 1997 *The development of Strategic Concepts and Shipbuilding Programmes for the Soviet Navy, 1922-1953*. The Northern Mariner VII No3 July 1997.
- Rohwer, J., and Monakov, M. 2001. *Stalin's Ocean-going Fleet: Soviet Naval Strategy and Shipbuilding Programs*. Abingdon, Oxom Cass Publishers.
- Rokossovsky, K. K., 2006. *El deber de um soldado*. Barcelona. Inédita Editores.
- Widemann, T., 2012. *Cannes: la pensée allemande prise à son proper piège*. Guerres et Histoire. Juin. France Mondadori.
- Whitley, M. J., 1999. *Cruisers of world war two*. London. Cassell.
- Whitley, M. J., 2002. *Destroyers of world war two*. London. Cassell.
- Zaloga, S., 1996. *Operation Bragation*. Oxford. Osprey.
- Zhukov, G. K., 2009. *Grandes Batalhas de la II Guerra Mundial*. Barcelona. Peninsula.